

AS LEMBRANÇAS DE UM LUGAR: MEMÓRIAS E IDENTIDADES LOCAIS E REGIONAIS

Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva

Em sua proposta pedagógica, o Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso, da Unincor de Três Corações, estabelece como um de seus objetivos a recuperação, tanto para o meio acadêmico como para a comunidade local, da história lingüística, cultural e literária da região do Vale do Rio Verde, no sul de Minas Gerais. Para que essa meta possa ser alcançada, os alunos desse curso, bem como os discentes que participam dos cursos de pós-graduação *lato sensu* e dos projetos de iniciação científica realizados pelo programa têm sido incentivados a tomar como objeto de suas pesquisas temas e questões de caráter local e regional. Além disso, o corpo docente do programa vem desenvolvendo seus próprios trabalhos de pesquisa, buscando direcioná-los para os mesmos interesses e preocupações. A fim de contribuir com esse esforço, este trabalho pretende identificar, em campos disciplinares como os Estudos Culturais, a Teoria Literária, a História e a Literatura Comparada, alguns conceitos e idéias teóricas que possam ser úteis para a pesquisa e a reflexão sobre as identidades coletivas de caráter local e regional e suas relações com a memória literária e cultural.

Antes de emprendermos essa tarefa, no entanto, é oportuno assinalar que a pesquisa sobre temas e questões de caráter local e regional se justifica, em nosso contexto histórico e geográfico, por algumas razões intimamente relacionadas entre si. Em primeiro lugar, ela responde a certas inflexões do pensamento contemporâneo que, nas últimas décadas, alteraram profundamente o panorama das ciências humanas e dos estudos da linguagem. A partir das transformações sociais, econômicas, culturais e políticas que marcaram o advento da pós-modernidade, as visões totalizantes do homem e da sociedade foram submetidas a uma complexa rede de críticas e questionamentos, por meio dos quais uma série de idéias, conceitos e valores que durante longo tempo nortearam a produção do saber foram revistos, reinterpretados e muitas vezes abandonados. A superação da distinção entre “alta” e “baixa” cultura, o refluxo de correntes de pensamento como o marxismo e o estruturalismo, os ataques à racionalidade científica de corte positivista e a desconstrução dos chamados euro, logo, falo e etnocentrismo podem ser citados como alguns dos reordenamentos teóricos que, de algum modo, refletiram essa tendência. Uma de suas conseqüências mais significativas foi o surgimento de um grande interesse pelo estudo dos conflitos e diferenças que constituem a vida social, das histórias e manifestações culturais antes desprezadas pela academia, dos deslocamentos produzidos nos processos de troca cultural e de todo o universo de particularidades e disjunturas que constituem a pluralidade da experiência humana.

Em decorrência dessas questões epistemológicas de fundo, a opção do Mestrado em Letras da Unincor por fomentar a pesquisa sobre as manifestações lingüísticas, culturais e literárias de sua região é também um desenvolvimento natural da perspectiva teórica mais ampla que orienta as diversas atividades de ensino e pesquisa realizadas pelo programa. Considerando a linguagem como manifestação ideológica e espaço de disputa e negociação em que se constituem as subjetividades individuais e coletivas, o programa se propõem a discutir as repercussões sociais, políticas e culturais das práticas discursivas, interessando-se particularmente por suas relações com o contexto em que são produzidas. De modo que, pela proximidade, pela disponibilidade das fontes e pelo interesse que despertam na região em que a Unincor é sediada, os temas e as questões de caráter local e regional se impõem como objetos de estudo privilegiados.

A última e talvez a mais forte das razões para essa política de pesquisa que quero mencionar aqui é, exatamente, a relevância dessas investigações para a comunidade tricordiana e sul-mineira. Examinando práticas e manifestações discursivas produzidas na região, identificando e analisando acervos de documentos e produções culturais conservadas pela comunidade, estimulando a integração e o intercâmbio entre os pesquisadores, intelectuais e artistas interessados nessa temática, divulgando os resultados das pesquisas realizadas e criando fóruns de discussão com a comunidade, a universidade cumpre sua meta maior de contribuir para o conhecimento e a reflexão da sociedade sobre si mesma, favorecendo assim o seu desenvolvimento cultural e social.

É hora, então, de voltar ao objetivo central deste trabalho e tentar reunir e relacionar algumas idéias e conceitos teóricos que me parecem úteis para a pesquisa e a reflexão sobre a construção discursiva das identidades locais e regionais. A primeira delas é, na verdade, uma idéia bastante simples e foi um dos principais pressupostos para a definição do projeto pedagógico do Mestrado em Letras da Unincor. Trata-se da concepção, formulada por diversos teóricos no contexto da crítica ao estruturalismo e ao seu esquecimento do sujeito e da história, de que as subjetividades individuais e coletivas se constituem através do discurso e da interação verbal. No livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, por exemplo, Mikhail Bakhtin diz que:

Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. (...) Mas, enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa. (BAHKTIN, 1979, p.117, 118).

Em outras palavras, o que o teórico diz é que a própria consciência que os indivíduos têm de si mesmos depende, para existir, da sua materialização nas práticas discursivas, o que se dá sempre num contexto social, histórico e cultural concreto e pressupõe a presença do outro, do interlocutor, do grupo social. Parece-me bastante evidente a relação dessa idéia com a questão das identidades

coletivas. Se a própria identidade do indivíduo é construída e moldada pelos discursos que ele lança em direção ao outro, é claro que as identidades coletivas também são construídas e moldadas por esse permanente diálogo que as pessoas de uma comunidade travam entre si e com os outros, disputando e negociando significados e valores. Se tomarmos a palavra “discurso” num sentido amplo, que englobe todas as práticas simbólicas, está configurada aí a relação entre a cultura e as identidades coletivas. Por isso se diz “identidade cultural” – é no campo discursivo e cultural que se edificam as imagens que os grupos sociais têm de si mesmos.

Desse ponto de vista, uma das questões que têm sido mais estudadas é a da identidade nacional. A nação é hoje compreendida como o resultado de um esforço que se dá no campo da cultura para a construção de sentimentos de pertencimento grupal que sejam capazes de dar legitimidade ao aparato político e administrativo do estado nacional. É provável, então, que encontremos nos estudos sobre o imaginário nacional algumas idéias teóricas interessantes para pensar nesse campo relativamente novo que são os estudos sobre a identidade e a memória cultural de comunidades locais e regionais. Nesse universo, quero inicialmente destacar duas formulações particularmente produtivas, que são os conceitos de “comunidades imaginadas”, de Benedict Anderson, e de “invenção de tradições”, de Eric Hobsbawn.

No livro *Nação e consciência nacional*, Benedict Anderson afirma que a nação é uma “comunidade política imaginada”, querendo dizer com isso que sua existência depende de um aparato simbólico por meio do qual são construídos os sentimentos de comunhão, companheirismo e horizontalidade social entre seus membros, escamoteando os conflitos, desigualdades e diferenças que a atravessam. Nesse mesmo livro, Anderson diz também que, para atingir esse objetivo, a comunidade nacional deve construir uma imagem do passado que de alguma forma projete a sua continuidade ao longo do tempo: a idéia de uma origem, de uma trajetória e de um destino que são comuns às pessoas que fazem parte da comunidade. É exatamente essa mesma idéia que Eric Hobsbawn desenvolve nas reflexões articuladas em seu livro *A invenção de tradições*. No texto que abre esse livro, o historiador afirma:

Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos – inclusive o nacionalismo – sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica (...) através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (...) ou pela invenção. (HOBSBAWN, 1984, p.15).

De nossa perspectiva, temos pelo menos duas suposições interessantes a extrair dessas reflexões. A primeira é a de que as comunidades locais e regionais também são comunidades imaginadas e também precisam dessa relação com o passado para construírem os laços sociais e sentimentos de pertencimento que as sustentam. Está colocada aí, do ponto de vista teórico, a

estreita relação entre as identidades coletivas locais e regionais e a questão da memória cultural. Para existir enquanto comunidade, a cidade, o bairro ou a região precisam de uma memória, de um conjunto de lembranças que os conecte com o passado. E essa memória não é um depósito inerte de informações, mas um trabalho social através do qual o presente ilumina, colore e reinventa o passado, como ensina Maurice Halbwachs em seu clássico *A memória coletiva*.

Para explorar um pouco mais essa relação, podemos recorrer a dois autores contemporâneos: Michael Pollack e Homi K. Bhabha. Em um artigo intitulado “Memória, esquecimento, silêncio”, Michael Pollack estuda a relação de conflito e oposição entre a memória nacional – que segundo Halbwachs é a forma mais cristalizada da memória coletiva – e as chamadas “memórias subterrâneas”, constituídas pelas lembranças de grupos que de alguma forma não se encaixam bem na comunidade e na memória nacionais. Em síntese, sua conclusão é a de que determinadas condições culturais e históricas podem permitir ou mesmo provocar a emergência dessas memórias subterrâneas, levando a uma desestabilização da memória nacional, que tem que se reacomodar à presença dessas memórias dissonantes.

Num texto que tem sido muito lido e utilizado atualmente, cujo título é “Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, o indiano Homi K. Bhabha desenvolve idéias que em certos pontos se aproximam bastante dessas considerações de Michael Pollack. Para Bhabha, a nação é uma narrativa construída por uma permanente disputa entre discursos pedagógicos, que afirmam e sustentam as semelhanças que unem a comunidade nacional, e discursos performáticos, que de alguma forma se contrapõem à pedagogia nacional. Diz também que a nação é uma metáfora, liminarmente definida nesse jogo narrativo, por meio da qual a coesão e a unidade da comunidade são representadas na imagem de “muitos como um”. Essa metáfora pode eventualmente ser metonimicamente interrompida por discursos performáticos que apontam para os conflitos, diferenças e lutas que rasuram a unidade nacional.

Estendendo essas idéias de Bhabha e Pollack para a reflexão sobre as comunidades locais e regionais, pode-se dizer que a dinâmica discursiva e cultural que as produz é certamente a mesma. Assim como existe uma memória nacional, existem também as memórias locais e regionais, por meio das quais essas comunidades constroem suas identidades coletivas, negociando e definindo a imagem que têm de si mesmas. Essa imagem é também uma narrativa que se desdobra sobre o passado e o futuro e uma metáfora que simboliza e representa os sentimentos de pertencimento que unem essas comunidades. Pode-se pensar ainda que essas memórias locais e regionais também estão sujeitas a ser eventualmente desestabilizadas por memórias subterrâneas e discursos performáticos capazes de quebrar sua unidade e sua coesão. E, mais uma vez, junto com Bhabha e Pollack, podemos concluir que as identidades locais e regionais, exatamente como a nação, estão sempre em

permanente reconstrução, num processo que se dá pelo conflito entre discursos pedagógicos e performáticos, entre memórias englobantes e memórias subterrâneas.

Chegamos aqui aos dois últimos pontos teóricos que vou abordar neste trabalho: a distinção entre os conceitos de “universal” e “particular” e o processo de modernização das sociedades periféricas, particularmente a sociedade brasileira. Em um texto intitulado “*Universalism, particularism and the question of identity*”, o argentino Ernesto Laclau mostra que o conceito de universal foi, historicamente, uma ferramenta simbólica por meio da qual a Europa e mais recentemente os EUA trabalharam para impor às sociedades periféricas seus valores, interesses e práticas culturais. Certas características de uma cultura particular, a cultura ocidental moderna, teriam sido universalizadas e utilizadas como arma de dominação, suprimindo ou sufocando as diferenças e particularidades de outras sociedades e culturas. Seria necessário, então, perceber a dimensão política do chamado “processo civilizatório” e inverter um pouco o olhar, tomando como objeto de atenção e estudo tudo aquilo que foi “esquecido”, destruído ou desvalorizado.

Seguindo essa linha de raciocínio, é fácil estabelecer um paralelo entre as relações das sociedades centrais (Europa e EUA) com as sociedades periféricas (entre elas a América Latina e o Brasil) e a dinâmica simbólica de constituição das comunidades nacionais. Trata-se sempre de um conflito entre a heterogeneidade e uma tendência homogeneizante, entre as práticas e discursos que tentam construir semelhanças e harmonias e aquelas que insistem nas diferenças e na explicitação dos antagonismos e divergências entre os grupos sociais. Para entender esse conflito, é interessante mencionar as reflexões de Arjun Appadurai sobre a dinâmica das trocas culturais na modernidade. No ensaio “*Disjuncture and difference in the global cultural economy*”, o autor demonstra que a modernidade, como movimento histórico por meio do qual a Europa impôs sua hegemonia política, econômica e cultural às sociedades periféricas, foi e continua sendo um processo que produz, ao mesmo tempo, semelhanças e diferenças. Porque as práticas e valores culturais europeus, quando transpostos para outros territórios e submetidos a outras circunstâncias históricas, entram inevitavelmente em relação com as tradições e formas de sociabilidade lá existentes, sejam elas autóctones ou provenientes de outras influências – como a africana e a asiática, no caso do Brasil e da América Latina. O que fica evidente, então, é que as identidades coletivas, sejam elas nacionais, locais ou regionais, são sempre produzidas por uma série de trocas, hibridismos, negociações e mediações culturais, que se dão tanto entre a comunidade e o exterior quanto internamente, entre seus próprios membros e grupos sociais.

Para concluir este trabalho, parece-me oportuno sintetizar as sugestões que essa bibliografia traz para aqueles que de alguma forma estão envolvidos no esforço de pesquisa e reflexão sobre a identidade e a memória das comunidades locais e regionais. De meu ponto de vista, essas sugestões são principalmente as seguintes: 1) estudar a memória cultural de comunidades locais e regionais é

importante, porque é através da produção cultural e discursiva que essas comunidades constroem suas identidades e elaboram as diferenças que as distinguem das demais; 2) é importante também perceber que o processo de construção das identidades coletivas é sempre conflituoso, que o próprio campo cultural é um campo de conflito, pois em grande medida é nele que se desenrolam as batalhas políticas.

Portanto, é fundamental que estejamos atentos às dimensões políticas das memórias e identidades coletivas, em qualquer nível, e às implicações de nossa atuação enquanto estudiosos desse assunto, enquanto mediadores entre a sociedade e seu passado. Essa consciência pode nos ajudar a evitar alguns riscos que fazem parte desse trabalho e que, de alguma forma, estão sempre ligados à essencialização de alguma das tendências envolvidas no jogo político e discursivo da memória coletiva. O risco de endossar acriticamente os discursos pedagógicos, ufanistas e homogeneizantes ou, pelo contrário, o risco do *auto-apartheid*, do culto também acrítico da diferença, da busca por uma origem ou uma particularidade absolutas, que só podem existir na forma de mito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: _____. *Modernity at large – cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p.27-47.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p.198-238.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LACLAU, Ernesto. Universalism, particularism and the question of identity. In: _____. *Emancipation(s)*. London: Verso, 1996, p.20-35.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.